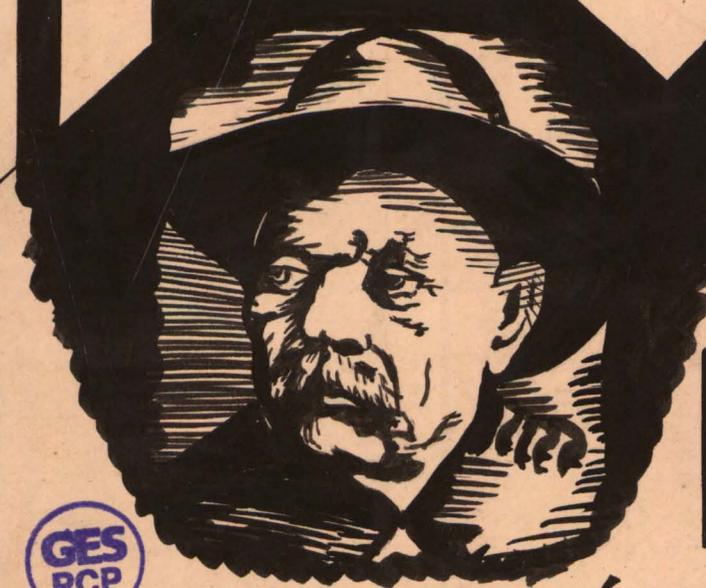


JUNHO
1936

GES
PCP



Nº 6

REVISTA TEORICA
DA CELULA COMUNISTA
DA FORTALEZA DE PENICHE

1º ANO

7033

Ano 1-Serie I
JUNHO 1936

O FOGO

MAXIMO GORKI.



orreu Gorki!

MNo nosso cérebro pesa ainda lugubrememente a notícia trágica do desaparecimento da vida desse grande gênio que encheu de luz o mundo proletário e contaminou com intencionalidade, os poros do capitalismo.

A sua pena parou de escrever. A sua voz que reboou altivamente por sobre a humanidade, procurando despertá-la para a vida e para uma existência feliz, o seu verbo contudente que cativara os oprimidos e feria em cheio os opressores, emudeceu para sempre, na sucursiva transformação da matéria, na mudez gelada de Estímulo.

A União Soviética e as falanges proletárias do mundo inteiro lamentam e sentem como ninguém o vácuo deixado por esta grande figura literária e rebelde que desapareceu.

A morte é natural. É uma consequência da vida. Mas a nós, proletários, que sofremos a miséria ea desenfreada

exploração capitalista, a nós, que na oficina e no campo vivemos esmagados e sem direitos, a nós que teremos de mendigar o pão de cada dia quando chegar a velhice, a nós faz-nos falta a pena que como nenhuma outra soube pintar a nossas dores e reclamar altivamente o nosso direito a uma existência feliz.

O mundo socialista em construção, a falanges produtoras da União Soviética desfilam tristemente diante do corpo gelado de Gorki, emudecidas pela mesma amargura e pelo mesmo preito de admiração.

É mais um soldado que se perde. No Congresso da Internacional Comunista, recordando a vitória do proletariado, ele não poderá admirado do triunfo exclamar de novo: «Não é isto na verdade um milagre». Desde o final do século XVIII o povo da Rússia monárquica, realiza inmutavelmente a tarefa abominável de estrangeirizar todos os movimentos emancipadores dos poros do Ocidente e do Oriente, os nossos

soldados pelejaram cegamente contra o exercito da Gran de Revoluçao Francesa, esmagaram varias vezes o movimento nacional polaco, violaram a Persia, afogaram em sangue as legitimas aspirações da China, desempenharam o papel de verdugos em todos os lugares para onde eram enviados pelas mãos avidas e medrosas da autocracia. Hoje, em nossa volta, há um mundo que brada esforço, trabalho e liberdade.

Filha de gente humilde, orfão de pai aos cinco anos, Gorki começou a sentir bem cedo os sofrimentos duma vida de miséria. Irrequieto, insatisfeito com uma existência que estava em desacordo com os seus desejos, ele foi tudo, tudo sentiu, tudo viveu.

Sapateiro nos primeiros anos da sua vida, grumete, cozinheiro, descarregador, vendedor ambulante, pintor, padeiro, percorreu a Rússia em todas as direcções, passou fome, dormiu nos portais e teve como companheiros na labuta diária essas figuras de desolação e de sofrimento passivo que tão admiravelmente pintou.

Em contacto aos 14 anos com os estudantes da Universidade de Kazan sentiu pelo mundo das letras uma

atração irresistível e para ele foi guiado pelo braco forte de Korolentko.

As suas produções literárias começaram a encher de admiração a Rússia que despertava ao mesmo tempo que o seu nome se ganhava na escala social.

Páginas admiráveis cheias de beleza e de cor, tradução verídica duma destacadavi da de combate, ficarão a perpetuar a figura querida do mestre que desaparece.

Demolidor intansável da sociedade actual soube impulsionar com os seus romances e com a sua acção revolucionária as hostes exploradas da Rússia czarista.

A literatura ficou sem um guia, sem um dos maiores escritores do nosso tempo.

Apesar disso deixou indicado um caminho aos novos que no campo das letras procuram servir a causa da emancipação operária e lutar com vontade ao lado dos produtores, é o assunto de palpitante interesse social em que a vida de exploração e de miséria se passa admiravelmente pintada em páginas de forte realismo, é a gigantesca labuta de camponês, e a prostituição, a guerra, a vida burguesa, que o esforço intelectual irá derroindo...

uma amnistia

GES
POP



Estado Novo, que sem
pre tem vivido da
mentira e da trai-
ção acaba de nos
brindar com mais
uma das suas nume-
rosas e torpes mentiras. Conhe-
cedores do descontentamento
que larra de morte a sul e
pretendendo festejar com
grande pompa o X aniversário
da restauração da Inquisição
em Portugal, os vassallos de
Roma, para que a «festa» não
fosse assinalada por qualquer
facto que viesse em plena
bambochata provar-lhe que são
espinhos e não rosas o que tem
semeado e, supondo ainda pôr
em cheque a «frente Popular»,
pensaram em refrear esse de-
contentamento e, fazem pu-
blicar pelas seus laçaios da
grande imprensa, um decreto
em que prometem a amnis-
tia a determinados crimes
políticos. Para nós, que sabemos os
artigos em que estamos incursos,
a burla não temo grande out-
to embora certos camaradas
alimentossem a ilusão de
que lhes tocaria também.

deve ter tomada maior vulto.
Para melhor ludibriarem a aten-
ção do público, os illustres burles-
fazem publicar uma lista
de 52 nomes e, no cabeçalho
que encimava a notícia, cola-
caram a ratoeira para os cren-
tes, que dizia: «fueriguou-se até
agora, temam sido abrangidos
pelo último decreto de amnis-
tia, os seguintes indivíduos», etc.
— Esta frase — até agora, —
serviu-lhe para prender a atenção
daquelles que como seu descon-
tentamento poderiam tirar o
lastro à orgia.

Não fica por aqui, porém, a
audácia eo descaramento dos
bandidos pois ainda no Nôlici-
as de 6 de junho publicam um
artigo de fundo sobre a falsa
amnistia, em que se encontram
as frases «porta aberta», «ampla
amnistia» e tantas outras que
nos admirariam senão soubesse-
mos de antemão que outra coi-
sa não pode sair do baixo estô-
fo em que assenta a moral
dos laçaios do jesuitismo
e da sua conhecida hipoc-
risia.

Isolados do mundo exterior
não sabemos concretamente
o que pensa a opinião
pública do assunto mas

Porém, para as nossas fa-
mílias e para uma grande
parte da população, o caso



sopomos que decorreu o tem-
po suficiente para que possa
desmascarar os homens da
ditadura, visto que com a
«porta aberta à ampla amnistia», as prisões políticas não
só continuam atulhadas, co-
mo ainda diariamente os
esbirros de Salazar canali-
zam para ela grande núme-
ro de vítimas.

Finalizando. A quem con-
cedeu Salazar a «amnistia»?
A indivíduos que a maioria,
não lutando por um ideal,
jãmais pensarão em lutar
pelo detrobamento da tirá-
nica ditadura e outros
a quem Salazar pretende
captar.

Conseguiu o ditador portu-
guês vibrar o golpe que plane-
ou na F. P.?

Não, porque do núme-
ro infimo a quem con-
cedeu a liberdade, ainda
alguns nela ingressarão e
esses, são os mais fortes,
são os que querem mais
alguma coisa do que a
sua comunidade; os ou-
tros, são valores nulos
em qualquer fase da luta,
são indivíduos a quem
a F. P. precisava refor-
çar e que Salazar fez
por suas mãos, pres-
tando assim àquele
organismo um ótimo
serviço

(Dos fundamentos do leninismo)
«Sob a ditadura do proletari-
ariado, é necessário reeducar mi-
lhões de camponeses e de pequ-
nos proprietários, centenas de
milhares de empregados de fun-
cionários, de intelectuais bur-
gueses, subordiná-los a todos, ao
Estado proletário e à direcção
proletária, vencer os costumes
e as tradições burguesas de lá»
assim como será necessário
«... reeducar numa luta prelon-
gada, sobre a base da ditadura
do proletariado, os próprios
proletários, que se não liber-
tam dos seus preconceitos
pequeno-burgueses de um dia
para o outro, súbitamente,
por milagre, por meio de
lemas, resoluções e decretos,
mas sim mediante
uma luta prelongada e
difícil contra as influên-
cias pequeno-burguesas»

«A ditadura do Proletariado é a
luta mais esforçada e mais impla-
cável da nova classe contra o in-
imigo mais poderoso contra a
burguesia, cuja resistência se acha
recomplicada pela derrota
sofocada» que a ditadura
do proletariado é uma
luta tenaz, cruenta e surda,
violenta e pacífica, militar
e económica, pedagógica e
administrativa contra as for-
ças e as tradições da velha sociedade.

O REVIRALHO e a FRENTE POPULAR

São vulgares e constantes os boatos sobre Reviralho. É interessante ouvir as comentários «odia tal sem falta», «desta vez está isto e aquele regimentos comprometidos e saiem com certeza», e assim por diante. Mas a verdade é que o tal dia chega e nada de novo. Então surge desculpas, as mais disparatadas, mas marca-se logo nova data com a certeza antecipada de que «desta vez é pela certa». Passa mais este dia e se não há processo de apresentar novas desculpas, responde-se com evasivas de modo a depreender-se que desta vez foi qualquer motivo imprevisível que obrigou a adiar «o sine die» a eclosão do movimento que devia derubar a Ditadura.

Passam-se assim os anos! A Ditadura mantém-se e não obstante estes factos, ainda muita gente e até muitos camaradas pensam, ou melhor, acreditam, na eficácia de qualquer movimento político a semelhança dos que até aqui têm eclodido em Portugal.

Esta fé sebastianista no Reviralho tem conduzido a muitas erros não só as massas, e e também alguns dos nossos próprios camaradas. Radicamos nos trabalhadores o conceito de que o derrubamento da Ditadura só é possível pelo «Reviralho», e que este lhes dará tudo, é negar a máxi-
ma de Karl Marx que diz: «a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores» e ao sabor de qual, estes têm ido muitas vezes para a luta.

Se este conceito errado da queda da Ditadura não estivesse ainda tão arraigado nalguns camaradas, nunca teriamos assistido a casos de veras desgraçadas como os que se observaram no «12 de Janeiro de 1934» operários que iam para a luta contra a Ditadura pela conquista das suas reivindicações com grandes responsabilidades no movimento operário e que porham a sorte da greve dependente do «Reviralho» castrando assim a efervescência dos trabalhadores, a quem praticamente colocavam

a questão neste pé: o movimento
revolucionário é puro e sim-
plesmente proletário,
mas o seu triunfo só dos
políticos pode depender!!!

Isto é simplesmente absur-
do pelo contrassenso que encer-
ra. Por a questão do derruba-
mento da Ditadura neste
pé ou noutro semelhante é pre-
ceder, embora inconscientemen-
te, como qualquer hábil contra-
revolucionário.

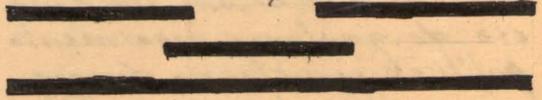
Há já dez anos que vivemos
sob o peso da dita Ditadura
feroz! Durante este longo es-
paço de tempo há obrigação
de termos colhido preciosas
lições. Uma delas, e bem impor-
tante, é a prova que nos deu
experiência de que qualquer
movimento revolucionário só
pode triunfar desde que es-
teja apoiado nas largas mas-
sas populares. Está neste caso
o movimento da "Frente
Popular". Isto nada tem que
ver com os métodos e tática-
cas do "Revirálho". Apesar dis-
so já não é a primeira vez
que se ouve misturar uma
coisa com a outra; e isto
representa outro erro
com origem na fé revira-
lhista, que há necessidade
não dar goarida.

Que os homens do "Revi-
ralho" desçam ao campo
das realidades e se dispo-
nam sinceramente dentro

do princípio de luta aberta
contra a guerra e o fas-
cismo e pelo melhoramen-
to das condições econômi-
cas, políticas e sociais das
classes laboriosas, está
certo; mas, fora deste
âmbito, a "Frente Popular"
nada tem que ver com
os passos dos movimentos
políticos.

Urge, pois, que dentro do
espírito da unidade de de-
acção, consubstanciada na
"Frente Popular", se unam
todos os trabalhadores e
dum modo geral todos os
anti-fascistas de diversas
tendências políticas ou
religiosas.

Só assim, presentemente,
a queda da Ditadura será
um facto, porque só des-
ta maneira poderemos
opôr a uma força orga-
nizada uma outra tam-
bém organizada, mas mais
cônsua mais potente e
sobretudo mais decidida
na luta pelo esmagamento
do fascismo e
pela instauração dum go-
verno de democracia popu-
lar que seja pelo pão,
pela terra, pela liber-
dade e pela paz.



COMITÉS DE CAMPONESES



situação criada barcam a produção no campo pela política financeira agrícola, auxiliadas pelo Estado que lhes fornece todas as condições necessárias, mais se fazem sentir, talvez por ser Portugal um país em que as tarefas domésticas de economia estão ainda pouco desenvolvidas.

Quando comparamos a época que vivemos com os anos transtornos da produção, assistimos a uma subida que nos revela o desenvolvimento da agricultura em benefício da classe dominante. Perfeitamente integrada na política post-guerra, a burguesia portuguesa seguiu lado a lado a produção mundial que nos arrastou, — e parece incluído a uma crise de abundância.

O aperfeiçoamento da cultura, a ância de satisfazer as necessidades económicas criadas pela guerra, originaram um desemprego forçado para o qual não encontra resolução possível.

A medida que as oligarquias financeiras assam-

po agrícola, auxiliadas pelo Estado que lhes fornece todas as condições necessárias, mais se fazem sentir, talvez por ser Portugal um país em que as tarefas domésticas de economia estão ainda pouco desenvolvidas. Também pela concorrência levada a efeito pelos magnates do trigo e pelos pesados impostos que a lesam.

E seguindo a marcha das classes os antigos pequenos proprietários tornaram-se assalariados e enfileiram ao lado dos que sofrem no campo, a deshumana exploração capitalista.

Sem saída para os "stocks" armazenados em péssimas condições, estes vão apodrecendo ou servindo de comida para os porcos, enquanto motivada por esta economia nitidamente financeira, a produção agrícola se vai reduzindo. Os campos incultos aumentam de ano para ano ao mesmo tempo que a miséria vai assolando a lavoura camponês, inhibido de lançar

a semente à terra, que permeia
nece improdutivo.

Esmagados pela mais abomi-
nável exploração, afastados da
existência feliz que nos traz a
realização dos nossos mais pro-
ximos desejos, sem direitos e
sem pão, os operários agrícolas
sentem contra nenhuns outros
as contradições da sociedade
capitalista.

É perante a acentuação
da crise, a face à miséria que
grassa nas camadas labo-
riosas da população cam-
ponesa, que o nosso Partido
deve agir, indo ao encontro
das suas vontades, marchan-
do à frente dos seus
anceiros económicos.

É bem certo que uma
das nossas debilidades orgâ-
nicas reside especialmente
na questão camponesa,
para a qual se começa
a lançar atentamente
os olhos, dada a impor-
tância de que se re-
veste.

Mas o que existe está
muito longe de satisfazer
as nossas aspirações revolucio-
nárias.

Uma das tarefas princi-
pais que se coloca hoje
ante nós é a constituição
de comités de campones-
es interessadas pelas ime-
diatas realizações de or-
dem económica a que es-

tao intimamente ligados
os anceiros das massas
do campo.

No momento actual em
que o Partido não guia as
camadas fundamentais
dos operários agrícolas, or-
ganização destes organis-
mos básicos vem-nos tra-
zer até nós, quando conve-
nientemente dirigidos elei-
tos o mais democraticame-
te possível, o sentir e os
desejos dos camponeses
pobres e, orientar as lutas
pelas conquistas cotidi-
anias.

Graças a estes comités,
nos começos de 1933 se
apoderaram os campones
da vizinha Espanha de
311 propriedades agrícolas,
algumas das quais foram
ocupadas no espaço de
seis dias, criando desta-
camentos de 500 a 1.000
homens para a defesa
das suas conquistas: a co-
lheita, o gado, os utensílios
agrícolas e a terra.

Foram também estes or-
ganismos que na Sarre, na
luta contra Hitler, dirigi-
ram as massas na senda
de reivindicações como é de
isenção fiscal para os pe-
quenos camponeses, redução
de impostos para os médios cam-
poneses, indemnização por
inteiro dos danos causados

por tempestades, cheias ou cataclismos, facilitação de recursos, da parte do Estado, para auxílio aos camponeses trabalhadores, ajudas em sementes, abonos e máquinas, redução dos arrendamentos elevados, seguros sociais pagos pelo Estado aos operários agrícolas, etc.

Em Portugal, a par destas e doutras palavras de ordem, devem ser postos em marcha, dando-lhe imediatamente realização, os problemas correntes tais como os da redução de horário de trabalho,

auxílio da parte do patronato aos desempregados, casas higiénicas, educação das crianças.

O Partido deve reforçar a toda a costa a luta contra o fascismo e demonstrar às massas camponesas que só a unidade de acção das suas forças lhe assegurará a vitória.

Os comités de camponeses moldarão o próprio sentir da classe ao espírito revolucionário que encerram.



REVOLUÇÃO




REVOLUÇÃO

17, Julho de 1918, depois da assinatura do tratado de Brest-Litovsk, a Ucrânia era invadida pelas tropas austro-alemãs. Em resposta, as massas operárias ucranianas, que viam nessa invasão o restabelecimento do pódro capitalista banido meses antes (em Outubro de 1917) do seu território, levantou-se para expulsar as tropas mercenárias representantes da contra-Revolução. Tratava-

se de salvar a jovem revolução operária e camponesa triunfante. Tratava-se de salvar a liberdade heroicamente conquistada. Toda a Ucrânia estremeceu ao grito de «esmagamos a contra revolução!» As tropas austro-alemãs não resistem à ofensiva da classe operária que se tinham levantado como um só homem face ao perigo que aqueles representavam e meses depois estavam em retirada. Foi durante este período que apareceu

a «macnovstchina» (movimen-
to macnovista) que tinha
como chefe o «libertário» Ne-
stor Macho. O que é porém
a macnovstchina? Alguns
indivíduos atacados de «liber-
taristas» no geral todos os a-
narcóistas, pretendem apre-
sentar o movimento macho-
vista como sendo um movi-
mento seguido, apoiado e
defendido pelo povo ukra-
niano quando mesmo não
passou, da expressão da acção
desenvolvida por alguns gru-
pos de guerrilheiros, cuja
acção ainda que denodada
era estéril, porque não conse-
lida as vitórias que obti-
nha na luta contra o inimigo
Assim esses guerrilheiros que
eram comandados por Macho
desalojavam o inimigo de deter-
minada povoação, mas como
eram contrários a qualquer
espécie de organização estatal
e ainda porque tinham que es-
tar em completa mobilidade,
abandonavam a dita povoa-
ção para irem combater o ini-
migo a outro lado, deixando
assim o campo livre para
para incursão do exército capi-
talista que não tardava em
aparecer. Vinganças e repre-
sálias caíam então sobre a po-
pulação da povoação recon-
quistada. Execuições faziam-se
em massa.

Depois das tropas outro-ale

mas com o general Denikine
que defendia o poder tsarista
derrubado, a parecendo simulta-
neamente Simeão Pleiura que
iria instaurar no Ukrania a
república de moldes Kerentis-
tols.

Era pois contra esta força
que os operários e ucranianos tinham
que lutar. As forças macnovistas luta-
vam lado a lado com as forças do Exé-
cito Vermelho que operavam na frente
ukraniana e que eram dirigidas por
Dibenko, contra as tropas de Denikine
e conjuntamente, contra a ameaça
burguesa de Pleiura. Depois de uma
luta persistente e encarniçada, Deni-
kine vencido no Outono de 1919,
abandonando então o território
ukraniano. O poder de Pleiura é
também derrubado.

Isto porém não significava que
a Ukrania estivesse definitivamen-
te livre pois que outro perigo se
ergueu para a liberdade tão esfor-
çosamente conquistada; esse perigo
era Kramgel. Em face disto os
macnovistas encetam negocia-
ções com o Exército Vermelho
para a elaboração dum acôrdo
comum tendente a canalizar
toda a acção revolucionaria no
sentido de derrubar Kramgel.
O acôrdo é feito e levado à prá-
tica. Graças a êle, Kramgel com
o seu exército é empurrado
para a Crimeia onde, no in-
verno de 1920 é derrotado.

Dai para o futuro o povo
ukraniano tinha-se defini-

tivamente livrado das incursões capitalistas. A classe operária da Ucrânia iria enfim usufruir os frutos do seu heróico e denudado esforço em prol de uma libertação? Sim, mas não tão imediatamente como a deseja, por que um novo acontecimento veio perturbar durante mais alguns meses a marcha da Revolução. Os macnovistas que tinham assinado com os bolchevistas um acôrdo político e militar, quebraram esse acôrdo quando o exército de Wrangel já não oferecia perigo. Na sombra, juntamente com os anarquistas, os partidários de Maeno tramaram uma insurreiçãõ contra os bolcheviques, espalhando entre a classe camponesa toda a espécie de calúnias urdidias com o unico fim de atizar os ânimos contra as forças vermelhas. Isto era contrário ao espirito da parte política do acôrdo a qual prescrevia que "toda a propoganda contra o governo dos Soviets deve cessar". A parte militar do acôrdo foi também quebrado pois que prez crendo elo que o "exército incursional macnovista ficava sob a direcção do comando geral do Exército Vermelho", os macnovistas não acobaram na prática essa resolução pois que se negaram a comparecer na frente caucásica. Em face de tudo isto, uma coisa se impunha ao Exército Vermelho: tomaram a ofensiva. Assim

foi uma luta se travou então entre dois campos. As forças macnovistas, em virtude de serem compostas essencialmente por cavaleiros armados faziam grandes baixas no Exército Vermelho surpreendido quando menos o esperava. Os officiais do Exército Vermelho que caíam nas mãos dos macnovistas eram todos passados a fio de espada. Alguns meses durante esta feioz luta entre os dois exércitos até que finalmente, no verão de 1921 o núcleo central do exército macnovista com Maeno à frente, é forçado a fugir para território romeno.

Livre de todas as ameaças do exército capitalista, livre das provocações de Maeno e seus acólitos; o operariado da Ucrânia deixou definitivamente numa nova luta: não a luta do homem contra homem mas a luta para a conquista do que tantas vezes tinha sido o seu desejo máximo: o comunismo.

«Menos frases pomposas e mais trabalho cotidiano simples... menos barulho político e maior atenção aos factos mais simples, mais vivos da edificação comunista»

Lénine

notas filosóficas

GES
PCP

LÓGICA FORMAL

Entre os diversos conceitos do mundo e da vida o formalismo desempenhou um importante papel, pois vindo da antiguidade grega, época em que foi criada por Aristóteles (384 a 322 A.C.) estendeu-se até fins do século XVIII.

Baseava-se na imutabilidade das coisas. O axioma: "Nada há de novo debaixo do sol" é um reflexo desta concepção do mundo. Para ela as coisas eram sempre iguais a si mesmas, mantendo-se assim por toda a eternidade.

Este critério era o centro à volta do qual se agrupavam todos os problemas, que resolvidos segundo as leis da razão.

A lógica, ciência das leis do pensamento (logos, termo grego que significa razão), ensinava como os homens se serviam da razão, operavam segundo ela, como nasciam os conceitos e como ligados estes se tiravam conclusões.

Suas leis eram fixas: a lei

da identidade, a lei da negação e a lei da exclusão do terceiro.

Exemplifiquemos:

Lei da identidade: $A = A$;
ou uma pedra é uma pedra;
a terra é a terra.

Vemos que cada coisa tem uma individualidade própria, e sempre igual a si mesma.

Segue-se a lei da contradição:
 A não pode ser A e B .

Tomando os exemplos supra-citados teremos: uma pedra é uma pedra e não pode transformar-se noutra coisa; a terra não pode ser ao mesmo tempo a terra e uma bola de fogo.

Temos logo a lei da exclusão do terceiro: A ou \bar{A} ou não é \bar{A} , não podendo haver terceira hipótese.

Isto diz: uma pedra ou é um ser inorgânico ou não é uma pedra; a terra ou é um corpo sólido ou não é a terra.

Vemos, pois que todas estas leis procuram demonstrar a imutabilidade das causas.

E assim se mantém a concepção formulista do mundo e da vida, até que a dia-

lética lhe dá uma machadada mortal. A luz deste novo conceito baseado nas ciências naturais, nós vemos que toda a lógica formal é um conceito errado que já na antiguidade fora rebatido por Tales de Mileto, Heráclito e outros. Heráclito disse: Ninguém pode passar duas vezes pela mesma corrente.

Admitia-se já a constante transformação das causas, o perpétuo movimento da mate-

ria, facto que hoje constatamos pela observação, o que nos prova quanto bem fundada estava aquela teoria.

Outras correntes idealistas se desenvolveram também através dos tempos, e admitiam a existência do mundo desde toda a eternidade, por um Deus todo poderoso, e conforme ao seu fim.

É o caso das religiões a que nos referiamos no número anterior.

LITERATURA PROLETÁRIA.



Áximo Gorki anteviu tudo em 1928, pelo célebre publicista e homem de letras Henri Barbusse — pres-

teito a estes dois mortos ilustres — falou largamente do desenvolvimento intelectual na União Soviética e disse haver a necessidade que esse movimento fortificador se alastresse o mais amplamente possível por todo o mundo laborioso, em especial nos países onde não houvesse ainda uma literatura proletária em erigição. São poucos os países, onde existe uma literatura vinculadamente

proletária. Houve-a na Alemanha e na Itália, com largo futuro, mas foi aborçada pela guerra destruidora do fascismo.

Hoje em diversos pontos das Repúblicas Sul Americanas aflora já esse movimento ascendente, criando raízes no Uruguai, Perú, Chile e Cuba.

Noutras nacionalidades como Portugal, Bélgica, Polónia e por aí fora, de uma maneira geral, apenas de quando em quando aparece uma "literatura proletarizante" rigidida por intelectuais, ou um ou outro estudante arrojado, todavia, surge quasi sempre despida de essência



e de objectividade.

Esse determinado jornalista consegue por um formalismo de audácia, romper o convencionalismo que manietta as actividades espirituais lançan do-se na aventura literaria, não faltaram risos escarni- nhos à sua volta.

Oustros há, que mal conseguem burilar duas frases regularmente sem esbarrar na constância irritante dos "que", se precepi- tam, acto continuo, na "inte- lectualidade" prosaica, aban- donando a bigama ou o mar- bello, sua origem e principios de classe.

Esses são os vaidosos e os mal intencionados!

O nosso ruino tem de ser outro.

A literatura proletaria de- ve marcar um cunho próprio, o estigma do proletariado, e mo se fôra seu vivo e fiel retrato.

Deve emancipar-se, liber- tar-se da influencia retórica e rendilhosa, da fraseologia ambigua sem sentido e óca que caracteriza dum modo acen- tuadissimo a literatura burguesa dos Maurras dos Dantas e dos Almeida's obtintos abencer- ragens liberários dum civili- zação corrupta.

A literatura proletaria, é para a nossa classe. É licito mu- tar-se

livrarias do mundo que os obreros da officinas, das cam- pos e dos escritórios, também é dado, mais alguma coisa que não seja de morrer de fome no escasso dum espelunca miserável e infecta.

A nossa literatura, não deve somente exteriorizar as nossas aspirações, os nossos deveres e os nossos direitos. A pena dum proletario deve ser um estilete. Deve fazer san- guar para purificar. Devere- mecher as pústulas e as chagas sociais, amalomatizando-as e mostrando-as depois ao mundo tal como elas são, friamente cruelmente.

Nada de meias termos, de hipocrisias, falsidades e sub- terfugios inúteis! A verdade não tem meio termo, nem vacila... é firme, audaciosa e sincera.

Temos de lutar. A nossa dur- existência não é mais que uma luta incessante pelo con- quista do pão, um pão amargo de fele e de sangue, amalga- mados, numa miscelânea atroz. O nosso grito implacável, impetuoso, revolucionário, deve ser o grito unificado de mi- lhões de famintos, de oprimi- dos e expulsiados, sem casa nem quartel.

Os nossos periódicos, os nossos livros de tese ou de combate, deverão transfor- mar-se sempre em barri- ca.



das insurreccionais.

Um nosso artigo terá de fixar um critério, um carácter pessoal, mas sim o que caracteriza uma classe, um aglomerado de indivíduos.

O proletariado nunca pode cair no personalismo político ou intelectual.

Temos de fazer de cada pena, gotejante, feroz, o reflexo da nossa consciência, da nossa moral igualitária, o fuzilado mável dum herói de plebe, um facho luminoso, incandescente, redentor!

A literatura proletária tem de ser obra desses mesmos proletários. O que é nosso é para nós por consequência temos de ir à faina, sem tibiesas nem desalentos.

O que um proletário escreve, será vontade e aspiração do proletariado em geral. A sua literatura não é pessoal, nem patrioteira, é colectivo e o seu galope titânica galga o limite de todas as fronteiras, no mesmo anseio de justiça e de fraternidade.

Porém, nós os trabalhadores portugueses, não possuímos uma literatura proletária.

E vulgar dizemos: — a difusão da nossa literatura, quanto aos manifestos e jornais... mas quando aqui se fala em literatura proletária é no sentido

perfeito do termo, sem menos preço para os supra-citados manifestos, panfletos, jornais e etc..

Escritores proletários, manejadores da nossa literatura, são considerados Fadei, Lebedinskiy, Gladkov, etc.

Serão, Lénine, Barbusse, Marx e Labriola, também escritores proletários com o seu elevado nível intelectual?

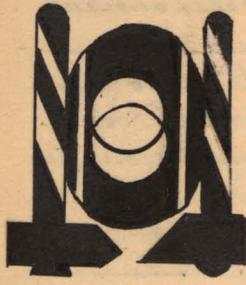
Quando falamos numa literatura proletária, escrita por proletários interpretada e desenvolvida por trabalhadores, não queremos dizer comisso que um catedrático, que um filósofo não possam fazer literatura proletária. Fazem-no desde que interpretem o pensamento das massas laboriosas, no seu objectivo ideológico e revolucionário.

Desde que vivamos o sintoma movimento e as reivindicações dos trabalhadores, preconizando e vulgarizando os seus princípios básicos e teóricos lutando e sofrendo como nós na avalanche demolidora do fascismo.

Confirmamos uma vez mais a existência da literatura proletária na U.R.S.S. a despeito de todos os que têm querido demonstrar o contrário. O triunfo da Revolução criou uma literatura e uma arte proletária.

L. G.

SOCIALISMO NA URSS.



plano quinquenal, a maior glória da Rússia, foi a mais grandiosa de todas a realizações levadas a efeito pela massa proletária do campo da

mês, de dia para dia, cada país da União, cada região, cada grande impreza, cada exploração colectiva, cada equipa, cada homem, o que haveria a fazer para dar a vitória a U.R.S.S.

Fábricas monstros, desses que os países capitalistas rodeadamente possuem, surgiram, construídas por exércitos de trabalhadores, sem látego do patrão, por todo o solo da Rússia outrora infecunda e impopolada, como surgiram cidades modernas, casas de habitação, escolas, liceus e Universidades, campos colectivos auxiliados por todas as maneiras do proletariado organizado em classe dominante.

As fábricas e as granjas são, as duas grandes do novo "front". Numa e noutras, pelos "placards" de afixação os operários os estimulam-se mutuamente para maiores somas de labores musculares. Nelas vêm-se listas de nomes colocadas juntas de desenhos alegóricos: um avião, um altômetro, uma locomotiva, símbolos de ligeireza decrescente, um camelo, uma tartaruga; quadros de honra e de desprezo, "placards"

cidade.
A verdadeira época, a que ergueu a Revolução a toda a altura, iniciou-se sem dúvida em 1928 com o primeiro plano quinquenal. Ergueu-se em quatro anos a mais ciclópica das obras. Em quatro anos fez-se o que o capitalismo foi incapaz de realizar, num século. O plano quinquenal na U.R.S.S., t'equasi o, foram a colaboração de determinadas tarefas como campestre, urbana, cultural, mecânica, etc. e o entusiasmo dos proletários foi, pode-se dizer indescripível; cada homem na Rússia não tem senão um pensamento, um ídolo, uma admiração: o plano quinquenal. É que eles são uma guerra económica contra a produção capitalista industrial e agrícola.

Os "planos" elementos essenciais da luta, consistiam em prever um de ano para ano, de mês para



ds' que disiguam, segundo os trabalhos realizados, as obras fornecidas a mais, as ardentes, os consciétes, os indolento e os preguiçosos. Tudo isto é um estímulo moral que revela um factor para mais produção. Em tôdas as fábricas, em todos os locais de trabalho, o jornal de parede dá conta da actividade da impreza ou do estabelecimento. No mesmo tempo, que uma espécie de comunicado relativo ao rendimento e ao aumento da produção encontram-se criticas e sugestões, exortações, encorajamentos, felicitações, pêsames. Nalgumas empresas o desenvolvimento faz duplicar, triplicar, quadruplicar e decuplicar os operários com uma jornada de sete horas, reduzindo a seis para os trabalhos mais difíceis, semana de cinco dias. O principal interêsse de tôdas as fábricas de todos os locais de trabalho é suplantat a industria capitalista. Dentro das fábricas há o "forum" sala grande na qual se tratam todos os planos que dizem respeito a estas: as exortações, a formação das "brigadas de choc" a equiper valoras para a aceleração da produção. Nestas reuniões torna o sentido das suas responsabilidades dos seus deveres; esta participação mais ou menos longiqua, mais ou menos teórica do trabalhador na direcção da impreza representa a

mais importante, a mais real prova dos seus direitos civicos. Terminado o trabalho o operário ou a operária podem-se fornecer nas suas cooperativas da ração de pão e de viveres ou tomar a sua refeição á noite no restaurante cooperativo mais economico que a cozinha doméstica. Os alojamentos modernos para os produtores são colectivos; é que na U.R.S.S. não se caminha nem para a cultura pequeno-burguesa nem para o individualismo egoista. Talha-se a par do desenvolvimento industrial e economicos os grandes planos collectivistas onde cooperam não um diminuto número, mas as massas de todos os ramos.

No club das grandes fábricas, das usinas, como nos dizemos em português vulgar, os operários distraem a espirito, entregam-se ao gozo moral que a sociedade burguesa jamais lhe permitiu. Mas mesmo até o incentivo do trabalho surge exortando todos para o aumento da produção, a produção que é o seu único desejo. Há imagens de máquinas, inscrições por toda a parte que lhe dizem: produz. Será desnecessário dizer-lhes que estes clubs proletários são reconfortantes e higienicos e nêles existem bibliotecas marxistas.

No quinto dia, em lugar do sétimo, o homem repousa dos seus trabalhos. O repouso do domingo foi abolido pelos soviets não só pela sua origem religiosa

como pela tradição burguesa que pode perpetuar: o culto do Senhor eo passeio em família. O quinto dia de descanso é dado pelos operários das fábricas e dos campos para os planos quinzenais ou tarefas importantes. A amnistia da construção socialista abraça todos os proletários. É que eles sabem iogar que não trabalham para outra classe que não seja a produtora.

No museu da Revolução, em Moscou, nas últimas salas, pode-se ver uma grande carta da U.R.S.S. iluminada por um raio contínuo à maneira de sinais luminosos, de lâmpadas de cores amarelas, vermelhas e azuis. As construções levadas a efeito pelo proletariado, como as centrais eléctricas do Dnieper e da Volga, as bacias de carvão do Don, as poças de petróleo, os grupos de grandes fábricas os Sorkores, aparecem progressivamente nesta iluminação sobre os vastos territórios da Rússia. Nada mais encantador na obra levada a efeito por os Soviets, que estas etapas de anos quinquenais malgastados segundos, até ao lampejo final.

Esta carta faz sonhar. Não vive ela com os seus fogos ardentes, no espírito e no coração de alguns milhões de homens, de mulheres e de adolescentes arrastados pela construção do plano socialista. O acabamento dum caminho de ferro, as explorações dum

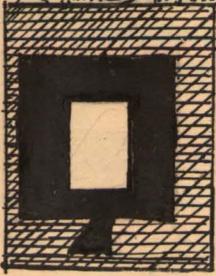
brigada de choque num granja do Estado, a abertura dum central electrica, são outras tantas vitórias para o proletariado, para os homens deste país. Neste entusiasmo entram, por partes iguais, a febre construtiva, o espirito de combate, que os fazem apenas construir, o inventar a altura, multiplicar os motores, reunir todas as forças, todos os recursos do imenso território, conduzi-los à sua mais alta intensidade, ao seu máximo rendimento: tal é a ideia fixa que se inculca em cada cérebro, da escola à usina, da usina ao club, da usina de club ao parque de cultura, aos jornais, aos livros, ao cinema, aos discursos inumeráveis, aos placards, etc.. As estatísticas da construção que nós nunca vemos nos países burgueses existem por toda a parte.



As reivindicações de democracia incluindo a do direito dos povos, a dispor de si próprio, não constituem nada de absoluto, mas são uma parte do movimento democrático (actualmente socialista) geral mundial. Pode acontecer que em casos concretos o particular se ache em oposição com o geral: é preciso então repeti-lo.

Lénine

TRIVUNTO DE CIÊNCIA



Quando examinamos a história da evolução do pensamento humano sobre bases estritamente científicas, não podemos omitir a influência incontestável, patente e importante, que tiveram no mundo culto os princípios teológicos de Moisés, preceitizados por Linco, como sua teoria das espécies, que Cuvier e Agassio tão corajosamente defenderam contra as investidas Darwinianas do século XIX.

Podem apesar do inúmeros benefícios trazidos por Linco, Cuvier e Agassio para o campo das ciências biológicas, apesar de ainda nos nossos dias as religiões imperarem fortemente nas nacionalidades, a evolução do pensamento humano não deixou de avançar cada vez mais, galgando todos os entraves colocados no seu caminho por crenças cerradas, despidas de qualquer espécie de investigação científica. Nem se podia compreender que a razão e o raciocínio fossem cobertas pela cogula sacerdotal e seus dogmas simbólicos e errôneos.

A ciência mal interpretada por místicos e poetas — a quem não corria a ideia da criação mecânica do Universo, o predomínio do material sobre o espiritual não deixou todavia de prosseguir na sua marcha progressiva e gloriosa dando-nos hoje explicações verosímeis ao que nos parecia confuso e sobrenatural. Para isso contribuíram fortemente os dualistas Kant, Lamarck e o materialista Darwin que havia de extrair do segundo a sua colossal teoria da evolução das espécies, e transformismo, que revolucionou o vasto mundo das ciências naturais, estremeceu o arcabouço corruído e artificial do pensamento dualista do século.

Este movimento Darwinista contrapuzeram-se os escribas e os fanatizados. A igreja em péso, essa mesma igreja que já julgava Galileu, e 30 anos decorridos o dominicano Giordano Bruno, queimado vivo em Roma a 17 de Fevereiro de 1600, gritou como que ferido no âmago das suas entranhas colossais.



Hi daquele que servi-se do século XIX, que alguém apodou a causa do evolucionismo! do período das Ciências Natur.

Contudo já 700 anos antes de Cristo os filósofos, Tales, Anaximanes e Anaximandro, haviam lançado pouco mais ou menos as bases fundamentais do ppanismo actual.

Anaximandro dizia que os seres vivos nasciam na água sob a influência dos raios solares — água mãe —, Aristoteles, embora formalista, admitia também ideias que se assemelhavam às modernas teorias.

O clericalismo ultramontano tem porém deturpado a ciência em seu abono privado.

Verdade, à parte disto, sofrem lá que ventos malignos não vacila, é audacioso, firme e construtivo!

Huxley, Haeckel, Buckner, Spencer e Comto, impulsionaram de um modo rápido essas probabilidades e actualmente mau grado de muitos, o resultado prodigioso de aturadissimas investigações demonstramnos cientificamente provado o que há centenas de anos nos parecia inexpugnável.

A descoberta formidável de Eugénio Dubois em 1891, na ilha de Java, 32 anos depois das teorias de Lamarck e 32 das de Darwin, foi a última pedra colocada no edificio filosófico do monismo da

A aparição súbita do "Pitecanthropus erectus" numa época já de si neurótica, veio revolucionar a Ciência.

Darwin venceu! Estava galgada a meta que separava o homem de gibbon australiano.

Houve polémicas esbrandosas mais veemente ainda que as realizadas em 1830 entre Cuvier e Godeffroy de Saint-Hilaire na Academia das Ciências de França.

Os sábios naturalistas manifestaram unânimemente a sua opinião a respeito do extranho achado de Dubois, e essas opiniões célebres dividiram-se em duas correntes. É um homem muito parecido com um gibbon — diziam uns. É um gibbon muito semelhante ao homem, proclamavam outros. E à face disto, à face deste pesado argumento, deste facto indestruível, Darwin deu no religião a mais retumbante machadada nas hipóteses metafísicas do Genesis, depois de Galileu, Cápérnico e Newton.



Uma Carta do mestre.

GES
PCP



Escrevo esta carta em 21 de Outubro, sem grande esperança que ela chegue amanhã às mãos dos meus camaradas de Petrogrado. É possível que ela chegue demasiado tarde para ser utilizada no Congresso dos Soviets. A datação do norte fixado para o dia 23 de Outubro tanto darei os meus conselhos na suposição de que a acção provável dos operários e soldados de Petrogrado e arredores não se tenha ainda produzido.

Todo o poder deve passar às mãos dos Soviets: sobre isto não são possíveis dúvidas. É igualmente incontestável para cada bolchevique que o poder revolucionário proletariano pode contar com a mais ardente simpatia e o apoio sem reserva da totalidade dos trabalhadores e explorados do mundo inteiro, nos países beligerantes em particular, e sobretudo entre a classe camponesa russa.

Estas verdades são demasiado conhecidas e demonstradas para nos debermos nelas.

Pelo contrário, convém alar-garmos nos outros pontos sã

bre os quais há incertezas e hesitações: a conquista do poder para os Soviets implica necessariamente a insurreição armada. Isto é evidente e todos o devem compreender e fixar. Renunciar agora à insurreição armada é destruir a palavra de ordem do Partido: — Todo o poder aos Soviets; é abdicar de todo o nosso internacionalismo revolucionário.

A insurreição armada, que é uma forma particular de luta política, está submetida a regras especiais que é preciso não esquecer. Karl Marx exprimiu este pensamento com um grande relevo, quando disse que a insurreição é uma arte.

As regras principais que Marx nos deixou são as seguintes:

1.º Não pensar de ânimo leve na insurreição, mas quando se pensa nela e se lhe dá começo, estar-se bem comprometido da ideia de levá-la até ao fim.

2.º Concentrar no sítio em momento preciso o maior número de forças, de modo a manter a superioridade sobre o inimigo.

3.º Uma vez desencadeada a insurreição manter a todo

o custo a ofensiva. A defensiva os pontos estratégicos importantes de maneira a participarem nas operações decisivas como: cercar Petrogrado de modo a impedir —

4.º: Apanhar o inimigo desprovenido e aproveitar a dispersão das suas forças. —
fhe as comunicações e a separação das outras cidades, o que nos dará a sua posse.

5.º: Alcançar sucessos, dia a dia, hora a hora, por pouco consideráveis que sejam, para conservar a todo o preço a superioridade moral.

Marx resumiu assim os ensinamentos de todas as insurreições armadas juntando que era preciso ainda não esquecer as palavras do melhor mestre de tática revolucionária que a história conhece, Danton: Audácia, audácia e sempre audácia.

Aplicados à Rússia estes preceitos significam: a ofensiva simultânea a mais súbita possível sobre Petrogrado, de fora e de dentro, com a nossa gente da Filândia, de Rival e Cronstand, com os marinheiros e os operários, fazer por ultrapassar em número os efectivos do inimigo — guarda burguesa, cadetes e

cosacos.

Combinar as nossas três forças principais, os marinheiros, as unidades militares e os operários para ocupar e conservar os telefones, o telegrapho, o correio e as estações de caminho de ferro.

Seleccionar os nossos elementos mais resolutos e organizar com eles pequenos destacamentos encarregados de ocupar

os pontos estratégicos importantes de maneira a participarem nas operações decisivas como: cercar Petrogrado de modo a impedir — fhe as comunicações e a separação das outras cidades, o que nos dará a sua posse.

Formar destacamentos de operários armados de espingardas e metrelhadoras para ocupar o telegrapho, os telefones, etc., e cercar os centros inimigos, impondo a estes destacamentos uma decisão e firmeza inabaláveis.

Esperamos que, se a insurreição for decidida, os seus dirigentes saberão aplicar os preceitos de Danton e de Marx.

O triunfo da Revolução russa, que é ao mesmo tempo o da Revolução mundial, depende de dois ou três dias de luta.

Eis como termina esta carta de Lévine, escrita em 21 de Outubro de 1917, quando refugiado em casa dum operário, perto de Petrogrado dirigia o movimento revolucionário.

A República dos sovietes de deputados operários, soldados e camponeses é não só a forma mais elevada da instituição democrática... mas a única paz de facilitar a transição menos dolorosa para o socialismo.

Lévine



MATERIALISMO



sobre os materiais acumulados através dos tempos portados os filósofos e baseando-se especialmente na filosofia clássica alemã, Marx e Engels

ergueram a nova concepção de mundo — materialismo dialéctico.

Alguns materialistas burgueses do século XVIII, Bacon e Hume, influenciaram também sobre a formação do materialismo dialéctico. Da mesma forma conceitos de filósofos da antiga Grécia tais como Anaximandro, Demócrito e outros tiveram uma alta importância na formação do mundo.

O materialismo dá a mais formidável machadada nos conceitos metafísicos do Universo e na interpretação idealista da história.

Baseando-se nos conhecimentos adquiridos pela ciência, o materialismo constitui a negação da lógica formal. Enquanto esta, como já vimos, se baseia na imutabilidade das coisas, a nova escola a apresenta todas as coisas como tendo aparecido não pela vontade

de um deus ou de qualquer outra força sobrenatural mas por razões físico-químicas em constante movimento e transformação, a caminho do seu fim.

A lei da conservação de matéria, de Lavoisier, é uma prova incontestável de quanto bem fundada é a doutrina materialista.

Nos sabemos, pois, que a matéria se acha em constante movimento, o qual a nossa vista, desarmada não pode constatar, mas que existe.

Tomemos por exemplo o nosso corpo.

Mi minuto a minuto, segundo a segundo, muito mais rapidamente ainda, ele transforma-se sem nós o verificarmos no próprio momento. Só os meses ou os anos nos confundem porque envelhecemos sem nos apercebermos disso.

Daquí a negação da lei formalista da identidade ($A=A$), a que nós opomos esta outra $A \neq A$ e não é A . Visto que a matéria se acha em contínua transformação, eu, no momento em que acabo de fa

Jar, de dar um passo, etc., não sou já igual ao que era antes de qualquer daqueles actos.

Não sou, por consequência, igual a mim mesmo.

Do que resulta, porém, esta transformação?

A matéria inorgânica com a posta de particulares infinitamente pequenas que se chamam átomos, cujos electrões, em maior ou menor quantidade, influem sobre a espécie da matéria: - Esses electrões, carregados de electricidade negativa, animados de uma velocidade de milhares de kilometros por segundo, escapam-se para a atmosfera; não se dá assim a transformação da matéria inorgânica.

Este fenómeno chama-se dissociação do átomo.

Como pode, pois, uma coisa ser igual a si própria quando se transforma a tão grande velocidade

de. Daqui concluímos, pois, que uma coisa é, simultaneamente não é igual a si.

O mesmo sucede com toda a matéria.

Logo, a lei da contradição (A não pode ser A e B) com sua base falsa fica posta a claro.

Da mesma forma a lei da exclusão do terceiro.

Tendo por base a ciência, o materialismo dialéctico colocou no seu devido lugar, o lugar onde devem ser colocadas as teorias metafísicas, idealistas doutrinas que procuram justificar e fazer re-tornar a um estado de barbarie e obscurantismo o que induziam em erros cujo alcance era domínio das ciências, da moral ou da política eram causa de fenómenos e conceitos contraproducentes.



CONTAS

Despezas:

Gasto de material para funcionamento do "Fogo" e Boletim
..... 43.05

43.05

Receitas:

Saldo do mês de Maio.... 3.50
Cotisação voluntária feita na
Caserna 2..... 8.10
Da caserna 3..... 5.50
Idem 1..... 4.00
Oferta dum camarada 5.00

26.10

Despezas
Défice

43.05
17.95